

Ao nível original

O desenvolvimento dos estudos lingüísticos em escala mundial levou à publicação de elencos, em ordem alfabética, dos principais temas debatidos pela moderna ciência da linguagem, os quais logo encontraram tradutores em várias línguas. Podemos recordar: *La Linguistique (guide alphabétique)*, dirigido por A. Martinet, Edições Denoel, que é de 1969; o *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*, por Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov, Edições du Seuil, de 1972; *Le Langage*, sob a direção de Bernard Pottier, Centre d'Étude et de Promotion de la Lecture, de 1973; e o *Dictionnaire de la Linguistique*, por Georges Mounin (diretor), PUF, de 1974. Entre nós temos o conhecido *Dicionário de Filologia e Gramática*, da autoria de Mattoso Camara Jr., recentemente reeditado sob o título *Dicionário de Lingüística e Gramática*, 7.ª ed., Vozes, 1977, com um *Posfácio* do prof. Francisco Gomes de Matos, onde se acrescentam alguns verbetes.

O presente volume é uma tradução do *Dictionnaire de Linguistique* organizado por um grupo de professores franceses, à frente dos quais Jean Dubois. A publicação francesa é da Larousse, Paris, 1973. A nosso ver, dos trabalhos acima relacionados, do ponto-de-vista do conteúdo e da didática da exposição, é o melhor. Na edição brasileira, o grupo de tradutores “agradece ao prof. Dr Isaac Nicolau Salum... a inestimável ajuda na refundição de numerosos verbetes”. Portanto numerosos verbetes foram refundidos, naturalmente com a devida autorização dos seus Autores. Pena que, numa *Advertência*, ou coisa semelhante, não tivessem os tradutores enumerados quais os verbetes refundidos.

Como se trata de tradução, o nosso escopo será simplesmente o de respigar alguns verbetes para verificar até que ponto conseguiram os tradutores, todos estudiosos da matéria ou professores universitários, manter-se fiéis, na letra e no espírito, ao texto original. Os exemplos em francês também foram traduzidos, às vezes com adaptação a língua portuguesa.

Dentro da orientação que nos impusemos, temos de reconhecer que logo o primeiro verbete – *abdução* – impressiona bem, quer respeitando ao pensamento lingüístico original, quer no estilo da redação portuguesa, que se tornou mais concisa e flexível. No terceiro verbete: *abessivo*, acrescenta-se a indicação de que se trata de caso da família fino-úgrica, e onde o texto francês, fala em “*situation a proximité immédiate d'un lieu*” (e o ex. dado é *La maison est près de l'église*), em português, se diz “uma casa está fora da rua: como se vê, houve substituição do conceito de *proximidade* pelo de *exterioridade*.”

No *Dicionário* dirigido por Mounin, o verbete *abessivo* (*abessif*), assinado por S. K. (Sami Kozah, assistente do Instituto de Letras Orientais, de Beirute), informa que esse caso “indica ausência ou privação”, o que está mais de acordo com a formação do vocábulo (ab mais esse). E apresenta o seguinte ex. do finlandês: *Joka kuri-tta kasvaa, se kunnia-tta kuolee*, o que, ao pé da letra, significa: *Quem, sem disciplina, cresce, esse, sem honra, morre*. O elemento *-tta* é o responsável pela idéia de “privação” (abessivo). O texto brasileiro, portanto, de certo modo corrigiu a lição do texto francês, pois, sem trocadilho, a noção de “proximidade” está por fora do assunto.

Um verbete que precisaria ser refundido é o que trata da *língua franca*, o qual se complementa com o verbete *sabir*. No primeiro desses verbetes se diz que se dá o nome da *língua franca* “ao sabir falado até o séc. XIX nos portos mediterrâneos”. Não se esclarece desde quando, mas seria relevante informar que o sabir data da Idade Média e pelo menos tão antigo quanto as Cruzadas; não há paralelo, aliás, entre as chamadas *lingue franche*, para a longevidade do *sabir*. Vê-se, pois, que é mais conveniente inverter o esquema de Dubois: a *língua franca* é que é gênero e o *sabir*, espécie. Dubois (citamos o primeiro nome dos colaboradores, uma vez que nos verbetes não há indicação de autoria) acrescenta a respeito da *língua franca* (ou seja, da sua variedade, o *sabir*): “Baseada no italiano central, compreende diversos elementos das línguas românicas”. No entanto o especialista Ian F. Hancock assim define o *sabir*: “Basicamente uma variedade pidgnizada do provençal, influenciada lexicamente pelo francês, catalão, italiano, etc. e várias línguas do Mediterrâneo oriental” (*in Pidgnization e Creolization of Languages*, editado por Dell Hymes, Cambridge University Press, 1971, p. 516). Portanto nem se pode dizer que a base do sabir (= língua franca) seja o italiano, nem se pode restringir o aporte dos outros léxicos às línguas românicas.

Outro verbete refundido é o que se refere aos nomes imparissilábicos da gramática latina. Dubois ensina que são imparissilábicos os substantivos e adjetivos da gramática latina “que comportam uma sílaba a mais nos casos distintos do nominativo”. Na verdade, conviria que o A se tivesse limitado ao confronto entre o nominativo e o genitivo singular (o seu semplo é *consul, ulis*), pois um caso como dativo – ou ablativo – plural tem duas sílabas a mais: *consulibus*. Mas a idéia de aumento silábico em relação ao nominativo singular está correta.

Na tradução brasileira procura-se aperfeiçoar a definição, ensinando-se que os imparissilábicos “não têm, no singular, no nominativo e no vocativo, o mesmo número de sílabas que os outros casos”. Tampouco no plural, poderíamos acrescentar. Por que não se limitar à clássica oposição nominativa, genitiva singular?

Houveram por bem os tradutores acrescentar que o radical dos imparissilábicos se descobre melhor no genitivo plural. Mas isso não é uma peculiaridade dos nomes imparissilábicos (de fato é da declinação latina, em geral), nem, a nosso ver, tal explicação é pertinente. Ela só o é quando ocorre a observação de que os nomes imparissilábicos fazem o genitivo plural em *-um* e os parissilábicos, em *-ium*. Mas esse confronto não foi feito no texto (que é lexical e não gramatical), de modo que tal explicação, mais correta do ponto de vista histórico, não cabia no verbete. Assim *dux* é imparissilábico e faz o genitivo plural em *-ium* (ducum); *ars* é também imparissilábico, mas faz o genitivo plural em *-ium* (artium), por se tratar de um tema sonântico. Por outro lado, *dens*, tema consonântico faz o genitivo plural *dentium*. São fatos conhecidos; mas o que queremos dizer é que o seu lugar é na gramática e não no dicionário.

Os tradutores, em *imparissilábico*, remetem para *parissilábico*, que no texto não existe. O que se encontra, certamente por lapso, é *parassilábico*.

E claro que se fôssemos comentar os numerosos verbetes da obra, não iríamos dispor de espaço suficiente. Basta, portanto, assinalar que, conforme dissemos, o *Dicionário* é dos melhores e agora podemos juntar que a tradução brasileira se situou ao nível do original; e tenta mesmo, em certos casos, melhorá-lo.

(*Dicionário de Lingüística* de Jean Dubois, Mathée Giacomo, Louis Guespin, Christiane Marcellesi e Jean-Baptista Marcellesi e Jean-Pierre Mevel. Trad. Frederico p. Barros, Gesuina D. Ferretti, John R. Schimitz, Leonor S. Cabral, Maria E. L. Salum e Valter Khedi. Cultrix, 1978, São Paulo. 653 pp.)

JB - Suplemento Livro
[Carta aos leitores]
(26/8/78)

*

Anchieta e a evangelização do Brasil

No dia 22 de junho de 1980, o Santo Padre gloriosamente reinante, João Paulo II, elevava aos altares como beato o Padre José de Anchieta. Era o reconhecimento oficial pelo Vaticano de uma vida cristianissimamente vivida, que teve por cenário a selva brasileira e por interlocutores gente em idade da pedra, afeita à caça e ao nomadismo, guerreiros desnudos e antropófagos, numa palavra, homens sem Fé, nem Lei, nem Rei, para falar com Pedro de Magalhães de Gândavo.